

Homenagem a Alfredo Fernandes Martins no centenário do seu nascimento (19 janeiro de 1916 - 29 dezembro de 1982).

Academia das Ciências de Lisboa, 7 de junho de 2016.

Homage to Alfredo Fernandes Martins on the centenary of his birth (January 19, 1916 - December 29, 1982).

Academy of Sciences of Lisbon, June 7, 2016.

Fernanda Cravidão¹

Departamento de Geografia e Turismo. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra
cravidao@ci.uc.pt

Exmº Senhor Presidente da Academia das Ciências de Lisboa

Prezados Académicos

Familiares dos Homenageados

Senhoras e Senhores.

Esta é a minha primeira intervenção na Academia das Ciências de Lisboa. Por isso, o meu primeiro cumprimento formal, tem para mim outro significado. Na pessoa do Senhor Presidente cumprimento todos os académicos desta Instituição. Tomo a liberdade de manifestar um agradecimento pessoal ao Professor Jorge Gaspar a quem devo parte importante da minha carreira académica. Bem-haja.

Ditaram as circunstâncias que esta minha primeira intervenção fosse no âmbito da homenagem que a Academia das Ciências entendeu prestar a dois Mestres da Universidade de Coimbra: Alfredo Fernandes Martins e José Sebastião da Silva Dias.

Tenho hoje o privilégio de com os Professores Jorge Gaspar e Lucio Cunha integrar a homenagem a Alfredo Fernandes Martins. Um homem de inteligência brilhante, de escrita rara e onde a palavra estava sempre no lugar exato.

Alfredo Fernandes Martins nasceu em Coimbra, a 19 de janeiro de 1916, no mesmo ano de Vergílio Ferreira e de François Mitterrand, personalidades que o tempo havia de cruzar e de quem foi amigo pessoal.

Matricula-se, num primeiro momento na faculdade de Medicina e um ano depois, 1935, inicia o curso de Ciências Geográficas como sempre tinha ambicionado. Licencia-se em 1940 com a dissertação *O esforço do Homem na bacia do Mondego* sendo contratado como segundo assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra em 1942. Doutoramento em 1949 com a tese *Maciço Calcário Estremenho - contribuição para um estudo de Geografia Física*, consolida o percurso que a sua dissertação de licenciatura já deixara antecipar.

Para muitas gerações Fernandes Martins foi o Geógrafo. O Mestre. O pedagogo. O Homem de Cultura, mas também o cidadão que ambicionava por uma sociedade livre e solidária. Na linha de António Sérgio, transmitiu sempre a íntima relação entre o

saber e a liberdade. Por isso, também, foi um geógrafo muito para além da Geografia Física. Uma breve viagem pelo seu percurso como investigador revela-nos alguém onde os temas da Geografia das Regiões Tropicais, da Geografia Histórica, da Geografia Social, da Geografia Política, da Geografia Cultural, sempre o acompanharam e em que alguns se consolidaram - sobretudo a partir das alterações políticas em 1974.

Apenas para citar alguns exemplos refiro *O clima de Inhambane*, 1938, *Alguns reparos a classificação das colónias por Hardy*, 1944, no mesmo ano *Geografia Humana do Brasil, Grandeza, declínio e novas possibilidades da borracha brasileira*, *O drama da Planície* em 1950, *Esta Coimbra*, 1951, *A porta do sol*, 1952, *Em prol dos campos do Mondego*, 1953.

A introdução que escreveu, e que apresenta o seu livro guia da excursão ao Centro Litoral, no âmbito do Congresso da União Geográfica Internacional, realizado em Lisboa em 1949, retrata, numa síntese brilhante e de escrita rara, o Portugal que faz a transição entre o Norte e o sul, o Atlântico e o Mediterrâneo, o compromisso entre a Terra e o Mar. As Geografias que vão moldando as paisagens onde o homem é sempre o ator principal.

O fascínio pelos trópicos e pelos mares do sul foi constante em Alfredo Fernandes Martins. Algumas das suas publicações e relatos de viagens mostram esse encantamento, por vezes incontido, quando recordava as missões a S. Salvador da Baía (1960), Angola e a Moçambique, nos anos 1962, 1964, 1965 e 1966.

Os meses de Verão, foram, durante muitos anos, tempos quase vazios na cidade que então vivia de e para a Universidade. O turismo era então um fenómeno quase desconhecido, muito longe do que é hoje, as rotinas universitárias tinham calendários rígidos, a mobilidade de estudantes adivinhava-se muito timidamente. Mas, em Julho, a Faculdade de Letras transformava-se. Tornava-se num território cosmopolita, multicultural, com estudantes de todas as latitudes. O prestígio do Curso de Férias que Fernandes Martins dirigiu de 1955 a 1975, ano em que integra a Comissão de Gestão, da FLUC, disseminou pelo mundo a Faculdade de Letras, a Universidade de Coimbra. Todos lhe devemos isso!

¹ Este texto contém o essencial da Conferência proferida, no passado dia 7 de junho de 2016, na Academia das Ciências de Lisboa aquando da homenagem prestada pelo centenário do nascimento dos Professores Alfredo Fernandes Martins e José Sebastião da Silva Dias.

Novembro de 1969.

O meu primeiro ano em Geografia, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, tinha começado há poucas semanas. Mas foi em novembro que tive a minha primeira aula da licenciatura que iniciara. Fora da sala de aula. Com as palavras, com os olhos, com os gestos, Fernandes Martins percorreu com os alunos os corredores, descemos e subimos as escadas do edifício da Faculdade. Parava e avançava ao ritmo da sua palavra. Percebi como a arquitetura do edifício acompanhava as bancadas do calcário de Coimbra. Mostrou-nos como as falhas geológicas se retratavam, e transbordavam de modo alinhado nas paredes interiores do edifício! Esta foi a minha primeira aula de muitas outras que ao longo de cinco anos revelaram um pedagogo invulgar. Um esteta da comunicação, da palavra, da escrita e da arte de desenhar. E também o cidadão atento à sua cidade e ao país.

Desde a primeira aula que Alfredo Fernandes Martins nos transmitia o poder da observação. A importância do ponto mais alto-dito de outro modo, sentir o *sítio* e questionar, a *posição*-. A observação que nos permite interpretar as paisagens, perceber o território, construir e ler os mapas, mas também, o modo como se observa um mercado, ou uma feira, lugares onde homens e mulheres se cruzam, se informam, se comprometem.

Não seria por acaso, que no final do dia no café habitual da baixa, escolhia a mesa colocada mais ao fundo da sala. Daí observava tudo e todos. Para quem partilhou esse lugar, pode verificar e ouvir como Alfredo Fernandes Martins avaliava a Geografia desse território, que de algum modo era uma Coimbra em pequena dimensão. E a que o jogo dos espelhos não era alheio!

Se o campo era o seu lugar de culto a sala de aula era um território de viagens. Construía mapas com a palavra, por onde viajávamos sem sair do lugar. Alguns dos seus alunos estiveram em Angola ou em Moçambique, muito antes de lá terem estado. Perderam-se pelas ruas da cidade do Cairo sem nunca deixarem a sala de aula. Perceberam a importância de respeitar o outro, quando, pela palavra, o acompanharam pela cidade de Bagdad. Revejo-me nas palavras de Abílio Hernandez quando escreve “aprendi a ler mapas que nunca vi porque eram apenas feitos de palavras. Perdi-me nos desertos por onde só ele passou. Acordei de viagens cuja rota só ele conhecia”. Mas, acrescento eu, em que o cais de chegada era sempre *Esta Coimbra*.

Pedagogo invulgar, com uma capacidade rara para comunicar através do desenho, Alfredo Fernandes Martins esboçava no quadro preto com risco exato, o vale da Veiga da Vilariça em Trás-os-Montes, a epigenia do Ponsul na Beira Baixa, ou a complexidade da geomorfologia cársica. Durante dias, o quadro preto transformava-se num território imenso dentro do pequeno retângulo da sala de aula. Depois, nas viagens de campo, apenas a escala era outra. De um para um. Como escreveu Maria Helena da Rocha Pereira “eram esboços únicos que ilustravam as suas palavras, palavras exatas, como exige a ciência,

precisas como requer a pedagogia, simples e certas como as que são usadas pelo Homem de elevada cultura”.

Dessa capacidade única de comunicar, que não vi repetida, recordo o modo como nos explicava, de forma quase teatral, o desenrolar de uma tempestade de areia em pleno deserto. Passados muitos anos quando estive as portas do Saara, eram ainda as palavras de Fernandes Martins que me acompanhavam.

Esta capacidade de comunicar pela imagem era, em Alfredo Fernandes Martins, muito mais complexa. A sua figura esguia, quase frágil, protegida pela sua “eterna gabardina” que simultaneamente o escondia mas também o diferenciava, transmitia - lhe uma envolvimento cénica que parecia colocá-lo num cenário do neo-realismo italiano, deslocando-se segundo um guião dirigido por Visconti ou Rossellini.

Mas, Alfredo Fernandes Martins é, também, o investigador/pedagogo que explica de um modo quase telúrico, a geomorfologia da Serra da Boa Viagem junto ao cabo Mondego. Para algumas centenas de metros mais acima, no mirante da Bandeira, se transformar num homem doce, quase frágil, explicando como homens e mulheres transformaram um deserto humano num território densamente ocupado. Tudo ali, como dizia, incorporava trabalho humano. Depois, de repente, tudo mudava. Voltava-se para o Atlântico sempre os grandes espaços, e imediatamente nos levava para outras latitudes, e com ele viajávamos pelos Mares do Sul. E para citar Fernando Pessoa “em demanda de portos inexistentes - portos que fossem apenas o entrar para portos, enseadas esquecidas de rios, estreitos entre cidades irrepreensivelmente irreais”.

Eram histórias diferentes. Paisagens com outras cores. Quentes, como o clima. Onde o cheiro a terra permanecia virgem. Mas sempre o homem como centro. Esta foi, de resto, uma preocupação permanente, “escondida” pela Geografia Física mas onde as questões de natureza social e cultural nunca estiveram ausentes. E se percebiam no comentário lateral ou na nota, quase sempre subtil, que introduzia. Por isso, Alfredo Fernandes Martins só poderia ter estudado, para o seu doutoramento, o Maciço Calcário Estremenho. Território magro, como escreveu, pobre, onde os sons ecoam como em Delfos, perpetuando enigmas, e pedindo emprestadas as palavras escritas por Jorge Gaspar “não será por acaso que a opção feita corresponde a uma região pobre, esparsamente povoada, de grandes horizontes, aéreos e subterrâneos, penetrada por mistérios...”.

Cidadão preocupado com o país de então, as questões de natureza social nunca lhe foram alheias a Alfredo Fernandes Martins. Era com uma emoção quase incontida, que partilhava com os alunos o drama dos emigrantes que nessa época atravessavam as fronteiras a salto, que viajavam de comboio, de táxi ou de barco. A história dos bois de Austerlitz, emigrantes escondidos em carruagens, transfigurava, pela emoção e raiva, Fernandes Martins. Esta solidariedade pelos mais frágeis atravessa praticamente toda a sua obra. A estes dedica o seu trabalho fundamental quando escreve “aos que labutam na bacia

do mondego e a ti, meu amigo pescador de Buarcos, morto no mar, a todos os anónimos pastores e agricultores que no campo me forneceram de bom grado uma informação". Hoje, eu não posso homenagear apenas o Geógrafo. Eu devo prestar homenagem ao Homem de cultura, ao comunicador incomum, ao esteta da palavra e da escrita, ao cidadão da Cidade e do Mundo.

Os que tiveram o privilégio de partilhar o seu convívio, de o escutar, na sala de aula, nos corredores da faculdade, à mesa do café, numa viagem de campo, num final de tarde junto ao mar, numa conferência ou numa atividade cívica, mantêm intactas

Lúcio Cunha

Departamento de Geografia e Turismo. Faculdade de Letras. Universidade de Coimbra
luciogeo@fl.uc.pt

Exmº Senhor Presidente da Academia das Ciências,
Doutor Artur Anselmo de Oliveira Soares,
Estimados membros da Academia das Ciências de Lisboa,
Caros colegas,
Minhas senhoras e meus senhores,

Há homenagens que, pela justiça e pelo significado de que se revestem, pela personalidade e pelo mérito dos homenageados, pela oportunidade e simbolismo que transportam consigo, acabam por dignificar tanto aqueles que recebem a honra, como, sobretudo, as instituições que a conferem. Por isso, gostaria de felicitar vivamente a Academia das Ciências de Lisboa, pela justa iniciativa de promover esta homenagem a dois grandes professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Alfredo Fernandes Martins e José Sebastião da Silva Dias, por ocasião do centenário do seu nascimento.

Quero, também, agradecer a gentileza do convite para poder associar-me a esta merecida homenagem ao Professor Doutor Alfredo Fernandes Martins. Uma tarefa não propriamente fácil, mas muito honrosa, que tentarei cumprir o melhor que posso e sei. Faço-a com gosto e com vontade! Faço-a com gratidão pelo Mestre que tanto me ajudou no início da minha vida universitária. Faço-a pela admiração que sinto pelo geógrafo que me orientou e que, pelo seu exemplo, me inspirou na investigação que consegui produzir.

Por isso, sinto-me muito honrado e muito grato por poder falar na Academia das Ciências de Lisboa e, particularmente, por poder fazê-lo na companhia de dois grandes mestres da Geografia Portuguesa, o Professor Doutor Jorge Gaspar e a minha colega e querida amiga, Doutora Fernanda Cravidão.

O meu conhecimento pessoal de Alfredo Fernandes Martins resume-se aos dez últimos anos da sua vida: como seu aluno de licenciatura, primeiro e como seu assistente e orientando de doutoramento, depois. Posso, no entanto, dar testemunho das principais vertentes da vida do Mestre, aquelas que

as imagens reais ou ficcionadas, que Alfredo Fernandes Martins nos desenhou na memória. Como escreveu Vergílio Ferreira, "são imagens que alguém nos gravou (...) as depurou do que fosse a sua circunstância e aí as deixou ... Para sempre.

Referência bibliográfica

Almeida, A.; Gama, A.; Cravidão, F.; Cunha, L.; Martins, P. F. & Jacinto, R. (2006) - *Alfredo Fernandes Martins. Geógrafo de Coimbra, Cidadão do Mundo*. IEG, CEG. Coimbra.

mais me marcaram a mim e a muitos colegas da minha geração.

Em primeiro lugar, a excelência enquanto professor, eloquente e elegante no modo de se dirigir aos alunos, cativante no discurso, rigoroso nas explicações, justo nas apreciações, praticamente um artista plástico nos desenhos complexos, mas sempre muito didáticos, que acompanhavam as explicações e que nos transportavam para diferentes locais-chave da Geografia de Portugal ou nos levavam em viagem um pouco pelo Mundo, sobretudo ao encontro das Regiões Tropicais.

As suas qualidades de Professor decorriam de uma cultura invulgar, das viagens que fazia, do intenso trabalho de campo que realizava e, como não podia deixar de ser, do seu envolvimento como cidadão e como homem público nas grandes questões políticas e sociais do seu tempo. Mas, os dotes de exceção como professor tinham, antes de mais, a ver com a sua qualidade de investigador. Alfredo Fernandes Martins investigou praticamente sobre todas as áreas da Geografia, tendo deixado trabalhos sobre Geografia Física e sobre Geografia Humana, ao ir da Geografia Política e da Geografia Económica, à Climatologia e à Geomorfologia Cársica, ao escrever sobre o Mondego, sobre Coimbra, sobre a Bairrada, sobre o Litoral Português, sobre o Maciço Calcário Estremenho, mas também sobre Moçambique e sobre o Brasil.

Sobre todos estes temas e sobre estas áreas de trabalho deixa obras marcantes, redigidas de modo rigoroso e com a complexidade exigida pelos temas tratados, mas sempre escritas de modo elegante, fácil de ler, emotivo e com alma.

A obra que deixou, através dos seus escritos, da recordação das suas aulas ou da participação cidadã em Coimbra e na sua Universidade, bem como o prestígio que granjeou ao longo da sua carreira, valeram-lhe, após a sua partida prematura, em 1982, um conjunto de merecidas homenagens, de que destaco 4:

1) A criação, no Instituto de Estudos Geográficos, da Revista *Cadernos de Geografia* em sua memó-

ria, no ano seguinte ao do seu falecimento. O primeiro volume desta revista, que já vai no seu número 34, foi completamente preenchido com textos de Alfredo Fernandes Martins, numa tentativa de divulgar alguns dos seus trabalhos menos acessíveis, de mitigar a imensa saudade que a todos acudia, e de contribuir para a perpetuação da memória do mestre;

2) A Faculdade de Letras entendeu também dedicar-lhe um volume da *Biblos*. O grande número de textos entrados fez com que, em vez de um, fossem 3 os volumes publicados (59, 60 e 61, relativos aos anos de 1983, 1984 e 1985).

3) A republicação fac-similada da sua dissertação de doutoramento, *O Maciço Calcário Estremenho*, em 1999, ou seja 50 anos após a sua apresentação. O Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros, entendeu, em boa hora, não só homenagear o Autor, mas também dotar a área do Parque de um estudo rigoroso de Geomorfologia que, meia centena de anos após a sua publicação, mantinha uma grande atualidade do ponto de vista científico.

4) A quarta foi a publicação do livro *Alfredo Fernandes Martins, Geógrafo de Coimbra, cidadão do Mundo* com que um grupo de discípulos do Mestre entendeu impedir que “a erosão do tempo remetesse para as margens do esquecimento alguns dos nossos melhores”, tentando saldar a dívida de gratidão para com o Mestre admirado. Trata-se de uma obra que, ao longo de 230 páginas, procura recordar e ilustrar as diferentes facetas da vida de Fernandes Martins e que termina com uma re-edição, ilustrada, de um dos seus mais belos escritos: “Esta Coimbra - apontamentos para uma palestra”.

Como tive oportunidade de referir já, ao longo da sua vida, Alfredo Fernandes Martins desenvolveu trabalho de investigação em diferentes áreas da Geologia, da Geografia Física e da Geografia Humana, reconhecendo e valorizando sempre os ensinamentos de seus mestres Anselmo Ferraz de Carvalho, Custódio de Moraes e Amorim Girão e tomando como lema de trabalho “RUMO CERTO”, palavras que acompanhavam a imagem do barquito com enormes velas enfunadas pelo vento num mar revolto, que constituía o seu ex-libris.

Na impossibilidade de analisar toda a sua obra, permitam-me deixar aqui os traços mais marcantes de dois conjuntos:

- O Mondego e Coimbra (uma Geografia com História ou a importância da História no devir territorial urbano);

- O Maciço Calcário Estremenho (uma Geografia Física e, sobretudo, uma Geomorfologia, com base na Geologia).

O Esforço do Homem na Bacia do Mondego foi o primeiro grande trabalho de Fernandes Martins. Uma tese de licenciatura de dimensão invulgar, mas mais invulgar ainda pela coerência do conteúdo, pelo desenvolvimento de alguns temas, pelo caráter aplicado e até pelo grau de comprometimento social de que se revestiu. O trabalho interseta o estudo do quadro físico do território com o quadro social, utilizando a perspetiva histórica para explicar a evolu-

ção do Baixo Mondego, das cheias e inundações que lhe perturbavam a vida agrícola, ou para perceber o funcionamento urbano das principais cidades. Outra característica muito interessante do trabalho tem a ver com uma perspetiva, a que poderíamos chamar geossistémica, do estudo da bacia hidrográfica enquanto unidade de funcionamento, a nível geomorfológico, hidrológico, económico e social, como pretendia o autor. Ainda que esta perspetiva fosse, à época, fortemente criticada, quando hoje vemos as inundações do Mondego em Coimbra e no vale baixo do rio, quando hoje lemos os muitos trabalhos que sobre elas são escritos, lembramo-nos de Alfredo Fernandes Martins e das suas lições sobre o *Esforço do Homem na Bacia do Mondego*.

Foi um trabalho notável, classificado com 19 valores. Na sequência deste trabalho e em resposta a uma crítica publicada na Revista da Faculdade de Letras, a revista *Biblos*, Alfredo Fernandes Martins explicitou algumas das suas ideias, esclareceu algumas dúvidas que porventura tenha deixado ficar, esgrimiou argumentos de autoridade, balizado nos autores da época, mas revelou, desde logo, mesmo antes de iniciar a sua carreira universitária o seu caráter rebelde, insubmisso e de uma tremenda coragem ao responder com um pequeno livro (98 páginas de fina ironia, numa linguagem visual em que as palavras ganham vida, se agigantam, se inclinam, conforme os sentimentos que o autor pretende transmitir) à crítica então feita.

Alfredo Fernandes Martins, entre muitas outras coisas, era um homem de Coimbra, cidade que conhecia, que amava e que vivia, como poucos. Não admira, portanto, que sobre Coimbra tenha deixado alguns textos, dos quais o mais expressivo e emblemático talvez seja “Esta Coimbra - apontamentos para uma palestra”, trabalho que resulta de uma palestra apresentada no Clube Desportivo de Celas, entre colegas e amigos, gente humilde da cidade, com quem Fernandes Martins gostava de partilhar o seu saber. À guisa de introdução, escreveu: “Deste jeito - e se amar é conhecer -, amo a esta Coimbra, berço meu, de um amor reflectido e sereno, amor que me vem da meditada interpretação plástico-geográfica da paisagem, do que sei do evoluir do aglomerado urbano no curso das idades, da admiração da actividade fecunda dos seus filhos, da inteligência do que tem sido o contributo da cidade para a vida colectiva da Grei”.

O quadro geomorfológico envolvente, o papel do Mondego e do seu regime torrencial na permanente reconfiguração da baixa ribeirinha, a evolução histórica da cidade analisada de forma pormenorizada e, finalmente, uma leitura da urbe de meados do século XX, levam o autor a dizer que: “Cidade de chãs e de alturas; cidade antiga e bem actual - os velhos bairros modernizando-se, os bairros novos, ganhando prestes a pátina local. E linda - “florida terra, leda fresca e serena”, diria Luís Vaz. E complexa na trama - uma em seus anseios de progresso, dual na topografia, compósita no acomodar de actividades e moradores. Prestigiosas cantarias lavradas e airosas construções modernas ao lado da banal

mediocridade arquitectónica; perspectivas encaracterísticas alternando com o mais pitoresco recanto - e as tardes soalheiras, ou os mistérios das noites enluaradas, ou os horizontes de bruma concorrendo para dar a Coimbra aquele suave lirismo que a fada terra de amor, de poesia e de lendas.

E se de qualquer miradouro nos quedarmos a contemplá-la de olhos enamorados - que não será fácil fugir-lhe à sedução -, saibamos reconhecer-lhe as excelências do sítio e da posição, mas prestemos rendida homenagem aos homens que souberam escolher e, no fluir das gerações, valorizar essas relevantes condições naturais.”

Finalmente, uma referência para aquela que, na minha opinião interessada e, mesmo, claramente interesseira, é a obra de referência do Mestre, a sua tese de doutoramento sobre *O Maciço Calcário Estremenho - Contribuição para um estudo de Geografia Física*, datada de 1949.

Como referiu Fernando Rebelo (a quem presto também homenagem!) 1949 foi um dos anos de ouro da Geografia portuguesa com a realização do Congresso Internacional de Geografia de Lisboa e o primeiro da UGI, após o final da XX Guerra Mundial, com a publicação de um conjunto de livros-guia para as excursões que se fizeram um pouco por todo o Portugal e que funcionaram como a síntese necessária para relançar os estudos de Geografia no nosso país (um deles intitulado *Le Centre Littoral e le Massif Calcaire d'Estremadura* da autoria de Fernandes Martins, o nascimento do CEG de Coimbra, e, naturalmente, o doutoramento de Alfredo Fernandes Martins, sobre o Maciço Calcário Estremenho).

Trata-se da primeira tese de doutoramento sobre Geografia Física realizada em Portugal, mas o fundamental do trabalho tem a ver com Geomorfologia e, mais especificamente, com a Geomorfologia Cársica (cap. 3 a 6). Se todo o trabalho é um trabalho rigoroso e maduro, competente, inovador, magnificamente escrito e excelentemente ilustrado, o capítulo sobre morfologia cársica, a que o autor, modestamente, chama “O relevo do solo: suas formas - morfologia calcária” é de tal forma soberbo na originalidade e criatividade das descrições e das explicações que ainda hoje, passados quase 70 anos sobre a sua escrita, elas mantêm muita da sua atualidade em termos científicos, sendo referência obrigatória, em viagens de estudo, em trabalhos de divulgação do Parque Natural e, mesmo em trabalhos de maior fôlego, como as teses de doutoramento

feitas sobre a área e alguns artigos internacionais de autores de referência, como por exemplo, Jean Nicod, porventura um dos maiores carsólogos europeus.

Para realçar o valor deste trabalho verdadeiramente pioneiro sobre Geomorfologia cársica, recorde-se que não estava disponível, ao tempo, a cartografia topográfica e geológica de pormenor ou as fotografias aéreas de que hoje dispomos, situação que Alfredo Fernandes Martins tentou ultrapassar através de um minucioso trabalho de campo, também este realizado em condições muito difíceis durante a Guerra e nos tempos imediatamente a seguir, com falta de transportes, de gasolina e de muitos bens essenciais.

Já antes referi, de modo injustamente breve, a qualidade, o didatismo, a arte, mesmo, dos desenhos de Alfredo Fernandes Martins, nas salas de aula, a acompanhar os seus escritos, ou em simples folhas de papel ou postais que ilustrava. No caso da Tese sobre o Maciço Calcário Estremenho as ilustrações são peças fundamentais do discurso, e os cortes geológicos, os blocos-diagrama, os esquemas, os mapas são peças que conjugam a arte e o gosto pelo desenho com o interesse em transmitir de modo condensado o conhecimento científico. O mapa geomorfológico que sintetiza o conhecimento a que chegou na sua tese é seguramente o melhor e ao mesmo tempo o mais simples mapa geomorfológico que foi até hoje desenhado para o conjunto do Maciço Calcário Estremenho.

Senhor Presidente, caros académicos, minhas senhoras e meus senhores,

Alfredo Fernandes Martins foi um académico distinto, um professor excelente, um investigador rigoroso e inteligente, um cidadão empenhado nas grandes causas do seu tempo, um homem de Coimbra, um cidadão do Mundo. Na Universidade de Coimbra, na Geografia Portuguesa, na cidade de Coimbra todos lhe somos devedores e todos lhe estamos gratos pelo que fez e pela obra que deixou.

Do ponto de vista da investigação, trabalhou sobretudo em Geografia Física, estudou sobretudo aspetos diferenciados da Natureza, mas sempre pensando e tendo como foco os Seres Humanos, como agentes de transformação dos sistemas naturais, como motores da história, como entes económicos e sociais. Como razão de ser do seu trabalho, das suas inquietações, dos seus sonhos...